

Educação Ambiental e o Trabalho com Valores: reflexões sobre uma experiência de formação continuada

Dalva Maria Bianchini Bonotto, Adriana Aparecida Dragone Silveira, Aparecida José Carlini Bonilha, Beatris Cristina Possato Gianei, Giovana Aparecida dos Santos, Luciane Aparecida de Oliveira, Patrícia Cristina Rosalen, Rosana Cristina S. Furtado Cupido

“O Senhor... mire e veja o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando.”
Guimarães Rosa

Resumo

O presente artigo relata as reflexões de um grupo de professoras do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Rio Claro, a respeito de suas experiências em um curso de formação continuada que tratou da Educação Ambiental e o trabalho com valores. São apresentadas também suas considerações sobre a formação, atuação docente e sobre os cursos de formação continuada de professores.

Palavras-chave: *Educação Ambiental, educação em valores, relação Ciência-Tecnologia-Sociedade, formação de professores, formação continuada.*

Abstract

The present article shows the reflections of an elementary school teachers group of the Municipal Net of Rio Claro city about their experiences at an in-service teacher education program of Environment Education and the work with values. Considerations about the teacher education, teacher performance and the in-service educational programs are also presented.

Key words: *Environment education, education in values, STS relations, teacher education, in-service teacher education.*

Introdução

O texto que ora se apresenta refere-se às reflexões realizadas por nós, um grupo de professoras das primeiras séries do ensino fundamental da rede municipal de ensino do município de Rio Claro, a partir de nosso envolvimento em um curso de formação continuada do qual participamos em 2001.

Enquanto professores, buscamos nos cursos de formação contínua dar continuidade ao nosso processo formativo. Porém, observamos que uma grande parte de nossos colegas esquiva-se a essa ação de formação, o que nos remete a refletir sobre quais seriam os empecilhos para a continuidade dos estudos.

Acreditamos que muitos são os motivos da não-participação de professores em cursos de formação. O maior deles talvez se encontre na dificuldade que representa voltar a estudar (em função da falta de tempo, gastos, cansaço e outros). Mencionamos também o desafio que representa a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem e a

exposição das deficiências da formação inicial: conhecemos colegas que não participam de cursos de formação por medo de se expor. Muitos, por acreditarem que o professor deve ser o detentor do saber e consciente de suas próprias deficiências, têm medo de expô-las aos demais participantes de um grupo de formação.

Existem muitos outros problemas pessoais ou profissionais que dificultam muito o acesso do professor a formação continuada, o que leva alguns autores como QUARESMA (2001) a afirmar:

As razões pelas quais um professor frequenta uma ação de formação são, de forma amplamente majoritária, as necessidades ligadas à progressão na carreira. Basta ver o número reduzido de professores que frequenta ações de formação quando não precisa de créditos. Todos nós sabemos que, apesar de tudo, apazigua uma boa consciência dizer que o motivo principal para a inscrição numa ação foi “o interesse pelo tema”, “a aquisição de conhecimentos no domínio científico”, ou mesmo “a atualização e ou aprofundamento de conhecimentos” (p. 1-2).

Contrariando essa tendência e enfrentando inúmeros desafios iniciamos o Curso de Formação Contínua “Educação Ambiental e o trabalho com valores”, buscando suprir nossas necessidades quanto à temática ambiental. Em nosso caso particular, nossos interesses não se encontravam em créditos, visto que para nós isso não traria benefícios na carreira funcional. Possuíamos interesses diversos, todavia relacionados especificamente ao processo de ensino e aprendizagem. Tínhamos várias dúvidas e questões referentes à educação ambiental, que é relativamente nova no setor educacional.

O curso ocorreu de março a outubro de 2001 e esteve vinculado ao Centro de Capacitação da Rede Municipal da cidade de Rio Claro, sendo oferecido às professoras interessadas e que tivessem um horário livre comum. Organizou-se um grupo de sete professoras de 1ª a 4ª séries e uma vice-diretora do Ensino Fundamental¹.

Para o desenvolvimento do curso realizaram-se oito encontros quinzenais ao longo do primeiro semestre e dois no semestre seguinte, com duração de três horas por encontro, que ocorreram na sede da Secretaria de Educação. A essas atividades somaram-se outras, não presenciais, desenvolvidas individualmente por nós ou com nossos alunos.

O período do primeiro semestre foi reservado para atividades e reflexões envolvendo a fundamentação teórica do tema. Iniciamos o segundo semestre apresentando atividades de ensino que elaboramos para serem desenvolvidas em nossas classes, que foram então levadas ao grupo para análise e contribuição geral. No encontro final apresentamos uma avaliação de todo o trabalho realizado, apontando o caminho percorrido, com as dificuldades e possibilidades que surgiram.

Nos encontros participávamos de sensibilizações e discussões de assuntos relativos ao tema. Tínhamos o embasamento teórico apresentado da professora responsável pelo curso e refletíamos em meio às atividades desenvolvidas.

Além disso, após os encontros, havia a leitura individual de textos relativos aos assuntos discutidos nos encontros, como complementação. A partir daí cada uma de nós realizava uma “conversa pessoal” entre o texto lido e o ocorrido durante o encontro, registrando as impressões e reflexões em um diário.

Com o desenrolar do curso fomos percebendo que a formação objetivava não somente trazer-nos conhecimentos acadêmicos relativos à Educação Ambiental, mas explorava

e provocava mudanças com relação às nossas concepções e práticas de ensino, o que tentaremos apresentar neste relato, a partir do tema focalizado no curso.

1. A Educação Ambiental

A Educação Ambiental tem sido apresentada sob diversos enfoques por diferentes canais (meio acadêmico, mídia, unidades escolares, etc), havendo diferentes entendimentos a seu respeito (KRASILCHIK, 1986). Mas enquanto para uma de nós a noção da existência de concepções diferenciadas em relação à Educação Ambiental era clara - e o interesse pelo curso deveu-se inicialmente à procura por uma concepção mais adequada sobre o assunto - para as demais isso não era percebido e a procura pelo curso ocorreu pela necessidade que nós, professoras, sentíamos em aprofundar o assunto que julgávamos conhecer, além de refletir sobre a prática a ele relacionado.

Inicialmente acreditávamos que a Educação Ambiental abordasse apenas os conceitos relacionados à conservação e preservação do ambiente. Dessa forma, o conteúdo desenvolvido nas escolas estaria intimamente ligado à economia da água, à preservação das florestas, à poluição dos rios, etc, suas causas e conseqüências imediatas. Mas quando ouvimos falar sobre o curso proposto “Educação Ambiental e o trabalho com valores” algo já parecia diferenciá-lo dos demais, pois não se mostrava restrito somente a conhecimentos que devemos ter a respeito do ambiente, envolvendo também o enfoque em valores.

À medida que o curso foi se desenvolvendo, também as informações apresentadas e discussões realizadas nos causaram surpresa, pois abordaram questões e assuntos que não esperávamos. Fomos levadas a refletir sobre o próprio estilo de vida de nossa sociedade. Afinal, uma bela casa, ampla e confortável. Um televisor em cada quarto. Dois ou três carros na garagem. Microondas, freezer, máquina de lavar louça e computadores. Uma casa na praia ou uma pequena chácara... Sonhar com uma vida assim é até habitual. Mas este padrão de vida nunca vai atingir toda a humanidade, mesmo que pudéssemos contar com um senso de justiça ou até com a boa vontade de líderes políticos. Para uma reflexão mais detalhada, devemos conhecer a história desse processo.

A vida na terra começou há 2,5 bilhões de anos. O *homo sapiens* surgiu ontem, ou seja, há 100 mil anos atrás. À medida que cresceu sua capacidade de produzir, trocar e ganhar com sua produção, o homem passou a utilizar os recursos da natureza em uma velocidade nunca imaginada.

A concepção de desenvolvimento atual, com seus “benefícios” advindos do conhecimento e capacidade de intervenção na natureza, gerados pela Ciência e Tecnologia,

¹ A vice-diretora, por não possuir tempo disponível, não participou da elaboração do presente trabalho, que foi então realizado por nós, as professoras participantes do curso, com a colaboração da docente responsável por ele.

implica na tendência crescente de consumo, pressionando com isso a demanda por recursos naturais nas suas mais variadas formas.

Além disso, é preciso refletir sobre a desigualdade desses “benefícios” que, cada vez mais, é reservada a uma minoria privilegiada da sociedade. Isso tudo, sem nos referirmos às outras formas de vida que são prejudicadas em favor desse nosso “bem estar”, cada vez mais exigente.

Vimos então, que a Educação Ambiental, sob esse enfoque, leva-nos a reflexões e posicionamentos diante desses “benefícios e confortos” característicos de uma sociedade capitalista, objetivando provocar um processo de modificações bastante profundo. A partir dessa perspectiva a Educação Ambiental, envolve mais que saber quais são os problemas do ambiente (poluição, escassez de recursos, etc). Envolve refletir sobre suas causas mais profundas, nos remetendo a discussões sobre nossa sociedade capitalista, como também sobre a Ciência e a Tecnologia a ela interligadas.

Nos currículos escolares, isso aparece de forma fragmentada, apresentando-se o conhecimento científico como algo inquestionável e superior. Veicula-se a idéia de que a Ciência e a Tecnologia podem ser a solução de todos os problemas ambientais, ou às vezes, tende-se a se restringir somente aos impactos negativos que elas podem trazer à sociedade e à natureza (AMARAL, 1995).

Ao trabalhar com estas questões, esclarecendo as diferentes abordagens e abrindo novos posicionamentos, a educação escolar tem um importante papel na constituição de uma sociedade diferente. Ela pode se constituir assim como um dos caminhos para colaborar na formação de seres humanos com uma nova visão de mundo, mais conscientes quanto a sua responsabilidade em favor da construção de uma sociedade sustentável (VIEZER e OVALLES, 1994), que busque garantir a qualidade de vida para todos.

Fomos percebendo, assim, que há uma relação entre a questão ambiental e a Ciência, a Tecnologia e Sociedade (CARVALHO, 2000) e a reflexão sobre essa relação oferece elementos que possibilitam-nos vislumbrar caminhos e possibilidades para repensarmos a relação entre os seres humanos e o meio ambiente sob outras bases.

Mas, isso apenas não basta. É preciso também contextualizar esse conhecimento, aproximando-o da realidade sócio-cultural dos alunos, de seu mundo vivido (AMARAL, 1996), senão, dificilmente o conhecimento é apreendido de forma adequada. Quanto a isso, não podemos deixar de assinalar que sentimos dificuldades em tratar essa questão com nossos alunos. Trata-se de um assunto complexo que necessita, de nossa parte, de um espaço maior de estudo e reflexão para concretizá-lo satisfatoriamente em nossa práticas.

2. O trabalho educativo com valores

A princípio quando nos deparamos com o tema do curso “Educação Ambiental e o Trabalho com Valores”, logo vieram as indagações: o que será e como trabalhar valores dentro da Educação Ambiental? E antes disso: o que são valores? Como trabalhar valores dentro de uma sala de aula, com alunos de realidades e culturas diversas? É possível trabalhar valores na escola? É viável? Necessário?

Quando se propõe o trabalho com valores em Educação Ambiental, isso implica em um trabalho não limitado à oferta de informações, mas implica em ir além, buscando lidar com diferentes visões de mundo. Envolve também lidar com os sentimentos e emoções, não só dos alunos como dos professores, em relação ao lugar a que pertencemos e aos recursos que utilizamos para a nossa sobrevivência.

Os valores estão presentes no nosso dia-a-dia. É o que afirma Piaget ao estudar esse tema entre as crianças:

Ao falar de valores, Piaget está se referindo a uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos e pessoas. Inicialmente os valores surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos. Mais tarde, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, os valores são cognitivamente organizados a partir dos julgamentos de valores sobre os objetos, pessoas e relações (ARAÚJO, 1999, p. 56).

Assim o processo de construção de valores pelo indivíduo está presente em seu cotidiano e, talvez por isso, nos passe despercebido.

Hoje em dia é muito difícil dizer que uma criança chega em uma escola sem uma opinião e valores estabelecidos. É neste momento que entra o papel do educador, em aproveitar os valores já existentes para explorá-los, ampliá-los e ressignificá-los (BONOTTO, 2001).

A escola não é um espaço social privilegiado apenas na construção do conhecimento, e mesmo nesse trabalho, não há como crescer no cognitivo se não houver a relação entre as pessoas, processo que leva a trabalhar necessariamente com as atitudes e os valores. É nesta relação com o outro e com o mundo que o trabalho com valores torna-se relevante.

Pensar na educação em valores é pensar numa proposta educativa ampliada, que considere o desenvolvimento emocional, social e cognitivo de um indivíduo em sua relação consigo mesmo e frente à sociedade.

No curso tomamos conhecimento de que os valores estão imersos nessa relação ser humano - sociedade no seu cotidiano e, se de um lado esse trabalho pode ser considerado fácil, pois trabalha questões que estão em nosso meio diário, por outro lado, surge o desafio de trabalhá-lo intencionalmente, e no caso, dirigido para a Educação Ambiental.

Não partindo de uma posição relativista, que reduz

esse trabalho a uma questão de escolha individual, nem adotando uma posição universalista, que apresenta uma posição autoritária frente à questão, acreditamos na existência de valores universalmente desejáveis a serem trabalhados numa sociedade democrática:

A premissa de que existem valores universalmente desejáveis permite a sistematização de alguns valores que valham para a maioria das culturas (ou pelo menos para as culturas mais complexas), sem perder, ao mesmo tempo, a referência de que existem limites para essa universalização, enfatizando que os valores próprios de cada cultura devem ser respeitados e assumidos como tais. Esses valores, portanto, podem ser tomados por nossa cultura como desejáveis, mas isso não dá o direito de os impor às demais (ARAÚJO e AQUINO, 2001, p.13).

Assim, no caso da Educação Ambiental, propomos a trabalhar com valores universalmente desejáveis a ela relacionados, quais sejam, valorizar a vida – qualquer vida – em sua diversidade biológica e, no caso da humanidade, também cultural, reconhecendo que estamos todos interligados.

Considerando essa interligação, surge a necessidade de introduzir padrões éticos que a sustentem. Para construí-la, e a uma sociedade sustentável, que não negue oportunidades de vida digna e de qualidade para todos, incluindo as gerações futuras, buscamos valores como o diálogo, a solidariedade, a cooperação e a responsabilidade, através dos quais todos poderão e deverão participar democraticamente e com autonomia dessa construção (BONOTTO, 2001).

Diante dessas proposições, cada professor procurou utilizar em suas aulas diversos procedimentos que possibilitassem o trabalho com esse enfoque, como discussões a partir de visitas, debates, leitura de histórias e músicas.

Desejamos ressaltar que temos clareza de que a educação em valores é um trabalho que se realiza em longo prazo e é de difícil avaliação, pois envolve um processo pessoal interno de transformação de cada aluno, que não se pode dominar, exigindo observação cuidadosa por parte do professor, para adequação contínua de seu trabalho às necessidades dos alunos.

Considerações finais

À medida em que todas as reflexões envolvendo Educação Ambiental e o trabalho com valores aconteciam, fomos levadas a rever nossas concepções e práticas de ensino a respeito da Educação Ambiental.

Hoje podemos identificar algumas delas com clareza – concepção preservacionista, desenvolvimento de trabalhos isolados e pontuais, ausência de percepção e trabalho

intencional do conteúdo valorativo e da incorporação de questões ligadas à relação Ciência-Tecnologia-Sociedade, etc.

No decorrer do curso fomos tentando levar para nossas práticas essas reflexões com o intuito de aprimorá-las. Mas mudar a prática não é uma tarefa fácil. A nosso ver, diversos são os aspectos envolvidos nessa dificuldade, tanto de âmbito individual quanto institucional.

Dentre os aspectos individuais destacamos a insatisfação que atravessamos e que parece geralmente ligada a uma visão dicotômica do processo de mudança, em que considera-se de um lado a visão e práticas inadequadas e, de outro, a visão e práticas pretendidas, e em que se espera passar de um lado para o outro de modo rápido e completo (BONOTTO, 2002, p.5).

Com relação aos aspectos institucionais, muitas de nós encontraram dificuldades no desenvolvimento de suas propostas diferenciadas, devido ao não conhecimento e compreensão por parte da equipe administrativa - pedagógica das escolas. Além disso, sentimos muito a ausência do trabalho coletivo entre a equipe escolar, o que incentivaria e fortaleceria o processo de mudança almejado.

Diante disso, nos perguntamos até que ponto tais barreiras não podem frustrar o professor a ponto de desencorajá-lo para seguir com a proposta de mudança. Essas barreiras precisam ser devidamente consideradas e enfrentadas.

Finalmente, achamos importante destacar, a partir dessa experiência de formação, alguns aspectos que nos pareceram fundamentais para colaborar efetivamente com nosso desenvolvimento profissional.

Julgamos pertinente que um curso de formação propicie reflexão e aprofundamento teórico sempre relacionado à prática pedagógica do professor, de modo que ele possa experimentar e refletir com o grupo de formação as novas propostas.

Um curso de formação deve promover também intensa troca entre os participantes do processo formativo sobre suas angústias, dúvidas e compreensões geradas no decorrer da formação. Com isso, oportunizar-se-á inclusive um espaço para envolvimento e apoio afetivo entre os participantes.

Resta-nos destacar que nossas necessidades de aprendizagem nunca se esgotam num único curso. Acreditamos assim, que a formação deve ser acima de tudo contínua, de modo que dentro e fora da instituição escolar deve-se garantir um espaço permanente para a formação dos professores.

Referências bibliográficas

AMARAL, I. A. *Ensino de Ciências: o currículo em retrospectiva e perspectiva*. Campinas, 1995 (mimeo).

AMARAL, I. A. Ambiente, Educação Ambiental e ensino de Ciências. In: SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Ciências na escola de 1º grau: textos de apoio à proposta curricular*. São Paulo: SE/CENP, 1996, p.39-46.

ARAÚJO, U. F. *Conto de escola: a vergonha como regulador moral*. Campinas: Ed. da Unicamp e Ed. Moderna, 1999.

ARAÚJO, U.F e AQUINO, J.G. *Os direitos humanos na sala de aula - a ética como tema transversal*. São Paulo: Editora Moderna, 2001, 144p.

BONOTTO, D.M.B. Formação contínua em Educação Ambiental: investigando o impacto de um curso nas reflexões de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. In: Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia, VIII, 2002, São Paulo, *Anais* (CD-ROM).

BONOTTO, D.M.B. *Educação ambiental e o trabalho com valores*. Rio Claro, 2001, 54p. (apostila do curso de formação contínua).

CARVALHO, L.M. *A Educação Ambiental e a formação de professores*. Brasília, 2000, p.51-58 (texto apresentado à Coordenação Geral de Educação Ambiental, COEA - MEC, durante a oficina "Panorama da Educação Ambiental no Brasil").

KRASILCHIK, M. *Educação Ambiental na escola brasileira: passado, presente e futuro*. Ciência e Cultura, v.38, n.12, 1986, p.1957-1961.

QUARESMA, J. A. *Créditos malparados? Algumas reflexões sobre o estado atual da formação contínua de professores*. <http://critica.no.sapo.pt/index.html>. Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional dos Centros de Formação de Associações de Escolas (Carvoeiro, Lagoa, 18 a 20 de abril de 2001).

VIEZER, M. e OVALLES, O. (org.) *Manual Latino-americano de Educação ambiental*. São Paulo: Editora Gaia, 1994, 192 p.

Dalva Maria Bianchini Bonotto
Av 2A nº 1137 CEP 13506-780 Rio Claro
dbonotto@claretianas.com.br
Professora assistente doutora do Departamento de Educação do Instituto do Biociências – UNESP / Rio Claro.

Adriana Aparecida Dragone Silveira
R Jacutinga nº400 apto 24 CEP 13504-250 Rio Claro
dridragone@linkway.com.br

Aparecida José Carlini Bonilha
R 8 nº 337 CEP 13500-070 Rio Claro

Beatris Cristina Possato Gianei
R 13 nº 538 CEP13501-120 Rio Claro
biagianei@ig.com.br

Giovana Aparecida dos Santos
Av 24A nº 960 CEP13506-692 Rio Claro

Luciane Aparecida de Oliveira
R 2A nº1191 CEP 13500-148 Rio Claro

Patrícia Cristina Rosalen
Av 23 nº 935 CEP 13500-280 Rio Claro
patricia_rosalen@hotmail.com

Rosana Cristina S. Furtado Cupido
R 10A nº 754 CEP 13506-735 Rio Claro
agcupido@uol.com.br

Professoras do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino do Município de Rio Claro.
